

## O REAL DO DISCURSO NA REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA ESCRITA DA CIÊNCIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.

Carolina de Paula Machado<sup>1</sup>

A análise semântica de uma palavra, que não se pautar por uma visão formal, envolve necessariamente que se pense o real do discurso, sem desconsiderar, portanto, que a evidência e transparência de certos sentidos são um efeito ideológico que nos leva a perguntar pelos outros sentidos possíveis para uma palavra.

Ao analisar o que a palavra *preconceito*<sup>2</sup> significa em textos que buscaram explicar a formação da sociedade brasileira, observamos a maneira como as relações sociais são significadas em um certo discurso científico, o da teoria evolucionista, marcado pela ilusão de transparência e objetividade dos fatos e, portanto, dos sentidos.

Neste texto, tomamos como material de análise a obra de Oliveira Vianna, estudioso da sociedade brasileira na primeira metade do século XX. A obra em questão, "A evolução do povo brasileiro", figurou como parte da introdução do censo demográfico publicado em 1922 pelo governo de Epitácio Pessoa, em comemoração aos 100 anos da independência do Brasil. Dentre todos os recortes em que a palavra *preconceito* ocorre e que foram analisados por nós<sup>3</sup>, trazemos para este texto a análise de quatro recortes.

Dependendo do lugar do qual enuncia o sujeito, da posição discursiva, e do que se fala (isto é, a porção do real a que se atribui sentidos) temos sentidos diferentes para a palavra *preconceito*, provenientes do cruzamento de discursos distintos, palavra que significa ao mesmo tempo uma prática não-científica e as relações sociais entre negros, brancos, índios e mestiços, em um momento nacionalista e de comemoração da independência do Brasil.

Nossa análise leva em consideração a relação da prática discursiva com o real, já que, como nos diz Pêcheux (1988)

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos, 'há real', isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser 'assim'. (O real é o impossível... que seja de outro modo) (p. 29).

Não se trata de negar o real então, mas de o acesso ao "impossível" de ser de outro modo se dá no cruzamento de discursos, pela linguagem, não se faz de maneira direta, como se a língua fosse transparente.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora temporária do departamento de Letras da Ufscar e tutora do curso de especialização do Redefor/Unicamp.

<sup>2</sup> A análise dos sentidos da palavra *preconceito* em textos sobre a formação social brasileira na primeira metade do século XX foi o objeto sobre o qual nos debruçamos em nossa tese de doutorado. Fundamentamo-nos teoricamente na Semântica do Acontecimento que tem em comum com a Análise de discurso tratar os sentidos a partir do materialismo histórico e da descentralização do sujeito.

<sup>3</sup> Análise realizada em nossa tese de doutorado intitulada "Política e sentidos da palavra *preconceito*: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX"(2011).

Ainda, como afirma Orlandi (2005) “A história tem o seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)”(p. 19). Para a autora, por atribuirmos sentidos sempre há a interpretação, não há sentido sem interpretação. Desse modo, perguntamos o que do real a palavra *preconceito* está significando ao ser significada nos recortes que analisamos. Para tanto, buscamos a designação desta palavra, isto é,

[...] o que se poderia chamar a significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (Guimarães, 2002, p. 9).

Observamos então o embate entre a evidência do sentido do étimo e aquilo que a palavra *preconceito* significa nas relações de linguagem, no cruzamento de discursos, atribuindo sentidos para o real, o que permite observarmos sentidos que abrem uma outra interpretação para as relações sociais brasileiras em um outro momento da nossa história.

Vejamos a análise da palavra *preconceito* nos recortes<sup>4</sup> retirados da obra “A Evolução do povo brasileiro” de Oliveira Vianna, de 1923:

(1) Nenhum **erro** maior do que o daquelles que, partindo de uma suposta identidade entre nós e os outros grandes povos civilizados (porque temos a mesma civilização) julgam-se dispensados de estudar o nosso grupo nacional nas suas peculiaridades [...].<sup>5</sup>

(2) esse **preconceito** da absoluta semelhança entre nós e os outros povos civilizados.

A expressão “**preconceito** da absoluta semelhança entre nós e os outros povos civilizados” constitui-se no próprio encadeamento textual como uma paráfrase para “Nenhum **erro** maior do que o daquelles que, partindo de uma suposta identidade entre nós e os outros grandes povos civilizados”. Em relação ao sentido da palavra *preconceito*, temos que *preconceito* é então reescrito<sup>6</sup> por *erro*, significando neste acontecimento o *erro de se considerar a absoluta semelhança entre nós e os outros povos civilizados*<sup>7</sup>.

Nesta primeira parte do texto estamos na introdução da obra em que o autor justifica a necessidade de se realizar o estudo sobre a evolução do povo brasileiro considerando que “nosso” povo não é idêntico aos outros povos civilizados. Deparamo-nos aqui com uma questão muito importante para a época em que a obra foi escrita: a questão nacional. Especificamente, esta questão é tratada através da necessidade de se estudar a evolução do *nosso* povo afirmando/demarcando a sua diferença em relação aos portugueses.

---

<sup>4</sup> Os recortes 1 e 2 pertencem ao mesmo enunciado. A análise mais ampla que desenvolvemos em nossa tese permite afirmarmos a relação de sentido entre a palavra *preconceito* e a palavra *erro*.

<sup>5</sup> Mantivemos a grafia original.

<sup>6</sup> A reescritura é um dos processos que produzem a textualidade do texto, é um procedimento pelo qual a “enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito” (Guimarães, 2002, p. 28).

<sup>7</sup> As análises completas podem ser vistas em minha tese de doutorado intitulada “Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX”. Tese de doutorado. IEL/Unicamp, Campinas, 2011.

O enunciador enuncia de um lugar que não se identifica ao discurso do preconceito significado neste acontecimento como erro, e está filiado a um discurso de constituição de uma nacionalidade, ou seja, de uma posição sujeito nacionalista.

No enunciado seguinte, temos:

(3) Como nestes, o que me inspira é o mais absoluto sentimento de objectividade; sómente os factos me preocupam e somente trabalhando sobre elles é que infiro e deduzo. Nenhuma **idéa preconcebida**. Nenhuma preocupação de escola. Nenhuma limitação de doutrina. Nenhum outro desejo senão o de ver as cousas como as cousas são e dizel-as realmente como as vi.

Considerando a história de sentidos da palavra *preconceito*, podemos afirmar que *idéa preconcebida* é uma reescritura por substituição de preconceito.

Nesta primeira parte da análise, o locutor-autor não fala do lugar do preconceito significado como erro de se considerar a identidade entre as civilizações, como uma ideia preconcebida, sentidos que configuram o preconceito como um saber do senso comum, que não tem base científica, que é subjetivo, pessoal. O locutor filia-se ao discurso da ciência, constituído aqui como sendo o lugar da objetividade, de verificação de fatos, da verdade una e absoluta.

Ainda, note-se que a reescritura *ideia preconcebida* ao substituir a palavra *preconceito* neste acontecimento, recorta um sentido específico que está relacionado ao sentido etimológico.

Passemos, então, ao próximo recorte. Nele, *preconceito* é reescrito por repetição, caracterizado pelo adjetivo *pessoal*:

(4) Nesse empenho de trazer para a nossa historia o que ella tem de vivo e de humano, esforço-me, tanto quanto possível, para que não se insinue no meu julgamento dos factos e dos homens, nenhum **preconceito** pessoal.

O adjetivo *pessoal* caracteriza *preconceito* determinando-o enquanto algo que está no campo da subjetividade por oposição à objetividade própria do domínio científico. Note-se que o adjetivo *pessoal* apenas caracteriza a palavra *preconceito* atribuindo-lhe um sentido que faz parte deste acontecimento enunciativo, algo momentâneo, mas que não se configura como um sentido que seja parte da história das enunciações dessa palavra.

Passemos agora quinto recorte:

(5) O poder ascencional dos negros em nosso povo e em nossa história, si é, pois, muito reduzido, apesar da sua formidável maioria, não o é apenas pela pequena capacidade eugenística da raça, não o é apenas pela acção compressiva dos **preconceitos sociaes**, mas principalmente pela insensibilidade do homem negro a essas solicitações superiores que constituem as forças dominantes da mentalidade do homem branco.

Neste acontecimento, a palavra ocorre no interior de um sintagma nominal formando a expressão *acção compressiva dos preconceitos sociaes*.

Parafraseando esse sintagma nominal, podemos ter o seguinte enunciado:

1. Os preconceitos sociais são uma ação compressiva

Nesse caso, “são uma ação compressiva” é uma predicação que determina o *preconceito* especificado por *sociais*. Essa predicação de *preconceito* significa esta palavra como uma ação de “comprimir”.

Ainda, o autor afirma que os homens negros têm um reduzido poder ascensional em “nossa história”, isto é, na história da sociedade brasileira.

Pelo modo como se dá argumentação neste recorte, através da conjunção *não apenas mas principalmente*<sup>8</sup> temos que o locutor não nega a pequena capacidade eugenística, nem os preconceitos sociais, mas nega a exclusividade desses argumentos como impedimentos para a ascensão dos negros na sociedade. O terceiro argumento, o da insensibilidade do homem negro a solicitações “superiores”, é o principal, sendo enunciado no interior de um discurso da ciência (discurso do evolucionismo e da desigualdade das raças), que afirma a superioridade da mentalidade dos brancos sobre a dos negros como causa principal da sua não ascensão social, posição esta do discurso colonialista.

Desse modo, o locutor considera que os negros têm uma reduzida capacidade de ascensão social e afirma, como uma “evidência” científica, que isso se dê pela pequena capacidade eugenística da raça, pela ação compressiva dos preconceitos sociais, e pela insensibilidade do homem negro a solicitações superiores.

Este último argumento atesta a posição do locutor de considerar a inferioridade “racial” do negro em relação ao branco. O lugar legitimador da ciência, que é construído ao longo do texto, faz com que este argumento não seja tratado como preconceito, porque é um argumento “científico”.

Assim, a diferença racial tratada como biológica através da teoria do Evolucionismo, inferioriza os homens negros e não faz parte do domínio semântico da palavra *preconceito* neste acontecimento. Embora se reconheça o preconceito como um fator social, prevalece a posição do discurso biologista, mais especificamente da teoria do evolucionismo, usada na análise da sociedade. Isto naturaliza as diferenças raciais, atribuindo o valor de inferioridade e superioridade às características raciais, transformando-as em causas da marginalização dos negros, além de servir como justificativa para a escravidão.

### **Considerações finais**

A naturalização da inferioridade das características dos mestiços e negros possibilitada pelo discurso da teoria evolucionista ao qual o locutor cientista se filia faz com que o sentido do preconceito racial seja produzido. Assim, ao afirmar o preconceito significado, de maneira evidente, como ideia preconcebida, como erro, como ação compressiva, o locutor produz um tipo específico de preconceito, o racial, autorizado por um discurso científico.

Como afirma Orlandi (2005),

---

<sup>8</sup> Vamos analisar a conjunção *não apenas mas principalmente* tomando por base o funcionamento da conjunção *não só [...] mas também*. A conjunção *não só [...] mas também* é analisada por Guimarães (1987). Sua análise demonstra que este operador argumentativo articula argumentos de igual força que orientam para a mesma direção, mas que são enunciados por enunciadores diferentes. O lugar de enunciador assumido pelo Locutor ganha força suplementar, pois os outros argumentos de enunciadores diferentes orientam para a mesma direção do argumento enunciado da perspectiva do Locutor. A enunciação polifônica é, segundo Guimarães, uma *estratégia* usada pelo Locutor para fortalecer a sua argumentação, sendo a própria polifonia argumento para a direção interpretativa que coincide com o lugar que o Locutor assume.

Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por este mecanismo ideológico de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência ( p. 46).

Observamos então que sob o efeito da transparência e evidência do sentido etimológico da palavra *preconceito*, as relações sociais entre negros e brancos são significadas através da hierarquização entre elas. É produzido um sentido que faz parte do discurso do preconceito racial, que ocorre com a naturalização da suposta inferioridade dos negros. Mesmo que busque ao longo do texto não enunciar deste lugar, havendo o cruzamento de discursos, o locutor acaba sendo interpelado pelo sentido da suposta inferioridade dos negros, algo que não é significado como preconceito neste discurso da ciência, atribuindo assim um sentido para o real que situa os negros e mestiços como inferiores ao homem branco, sentido que desconsidera a relação com a história.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUIMARÃES, E. (1987) **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PAULA MACHADO, C. de. **Política e sentidos da palavra *preconceito***: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX. Tese de doutorado. IEL-UNICAMP, 2011.
- PÊCHEUX, M. (1988) **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- VIANNA, O. **Evolução do Povo Brasileiro**. São Paulo: Monteiro Lobato Editores, 1923.